

Centro de Estudos Baianos

Fernando da Rocha Peres

ITAPARICA

O POETA, O POEMA E A ILHA

PUBLICAÇÃO DA
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA BAHIA

137

Toda correspondência deve ser enviada à Direção do Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia antigo prédio da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus - Térreo - Distrito da Sé - Salvador - Bahia - 40.000

Fernando da Rocha Peres

ITAPARICA

O POETA, O POEMA E A ILHA

Universidade Federal da Bahia
Centro de Estudos Baianos
1989

Professor JOSÉ ROGERIO DA COSTA VARGENS

Reitor da Universidade Federal da Bahia

Professor FERNANDO DA ROCHA PERES

Diretor do Centro de Estudos Baianos da UFBA.



VITAE

Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social

Peres, Fernando da Rocha

Itaparica : o poeta, o poema e a ilha/
Fernando da Rocha Peres. -- Salvador: Cen-
tro de Estudos Baianos da Universidade Fe-
deral da Bahia, 1989.

48p. ; 22cm. -- (Universidade Federal da
Bahia. Centro de Estudos Baianos, Publica-
ção ; 137)

1. Itaparica, Manuel de Santa Maria, O.
F.M. 2. Poesia brasileira - História e
crítica. I. Título. II. Serie.

CDU - 869.0(81)-1.09

(Centro de Estudos Baianos da UFBA)

SUMÁRIO

NOTA EXPLICATIVA.....	05
O POETA	09
O POEMA	10
A ILHA	11
ELUCIDÁRIO	21
FACÍMILE DO POEMA	23

Vinha de Amoreiras, onde florescem os mi
mos-do-céu e os passarinhos cantam mais.

...a lembrança de sua linda Gamboa, ter
ra onde os mariscos são fartos e as tardes
frescas...

JOÃO UBALDO RIBEIRO / *Viva o povo*
brasileiro, Rio, Nova Fronteira,
1984. p.450 e p.451.

NOTA EXPLICATIVA

A divulgação deste trabalho, em número 137 da coleção do Centro de Estudos Baianos da UFBA, justifica-se pela idéia de uma edição - projeto coordenado pela poetisa Myriam Fraga — de um álbum artístico, pelas Edições Macunaíma, em 16 (dezesseis) monotípias de Calasans Neto, um nosso texto de apresentação (*Itaparica / O poeta, o poema e a ilha*), notas bibliográficas, um pequeno elucidário de palavras e mais o poema de Manuel de Santa Maria Itaparica, "Descrição da Ilha de Itaparica -- Termo da cidade da Bahia — *Canto heróico*" — em facsímile da sua publicação pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda na "Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial", Rio, Departamento de Imprensa Nacional, 1953, p.170 a p.193, em *LXV Cantos*, feito o cotejo, ao pé das páginas, com a edição do mesmo poema, por Varnhagen, F.A. (Visconde de Porto Seguro), "no *Floriário da Poesia Brasileira*", T.I., Rio, Academia Brasileira, 1946, p.203 a p.210 (a primeira edição é de 1850, impressa em Lisboa).

O projeto do álbum continua aguardando uma oportunidade, um patrocinador, para que sejam reveladas belas monotípias de Calasans Neto, nas quais o artista apreende a natureza da ilha, com as suas plantas, seus bichos e sua fantasia.

Agora sai o pequeno trabalho, ao texto poético de Manuel de Santa Maria Itaparica, escrito em 1985, o qual, de um certo modo, tem um interesse histórico e literário.

Salvador, 15 de janeiro de 1989

Fernando da Rocha Peres

APRESENTAÇÃO

ITAPARICA

O POETA, O POEMA E A ILHA

O POETA

As informações sobre Frei Manuel de Santa Maria Itaparica são escassas. Os historiadores da nossa literatura, desde o século XIX até o presente, concordam que Frei Itaparica nasceu no ano de 1704, na Ilha de Itaparica (Bahia), sua "Pátria" natural, cujo nome adotou, e não acordam quanto a uma data para a sua morte: 1768 ou 1769?

As notícias mais remotas que dizem respeito a Frei Itaparica nos remetem para o várias vezes recorrido Frei Jaboatão¹, seu irmão de ordem religiosa e conventual, que serve de fonte e informante, até hoje, de segunda mão, para um conhecimento sumário e lacunoso da vida do frade-poeta e sua obra. Diz o Frei Jaboatão, em 1761, ano da publicação de seu livro em Lisboa, que o Frei Itaparica: a) foi "professor no Convento de Paraguaçu² em dois de julho de 1720, em idade de 16 anos"⁴; b) "depois de concluídos os Estudos⁵, ficou continuando o ministério da prédica⁶, que exercita ajustado às regras da arte, e Leis do Evangelho"; c) "é destro cultivador das flores do Parnaso, e dos frutos do seu trabalho se podiam ter colhido alguns volumes, se assim como se espalham por particulares mãos, se ajuntassem em um corpo"⁷. Em resumo, e na esteira de Frei Jaboatão, podemos pontuar que o Frei Itaparica ingressou muito jovem na Ordem Franciscana, que recebeu educação na Bahia, que foi orador sacro e poeta, e que a sua poesia em contrava-se dispersa e manuscrita(?), em 1761, em grande quantidade ou "alguns volumes".

Um dado novo pode ser acrescentado, como suposição possível de maiores investigações, que é a referência à presença de Frei Itaparica nas "Conferências" ou atos da *Academia Brasílica dos Esquecidos*⁸, participando daquela que foi realizada (a terceira), em 21 de maio de 1724, com a colaboração (e leitura?) de sete poemas⁹.

Devemos salientar, a título de esclarecimento e questionamento, que o poeta não aparece arrolado por Pedro Calmon¹⁰ como um dos fundadores e membros da *Academia* (seria um supranumerário?) e que a sua contribuição poética na aludida "Conferência" ou reunião de letrados do século XVIII ocorre quando ele tinha vinte anos de idade e ainda

da não havia incorporado ao seu nome o topônimo Itaparica, razão porque as suas produções estão assinadas por Frei Manoel de Santa Maria, com a indicação de ser o autor um "Religioso de São Francisco"¹¹.

Aqui ficamos com o brevíssimo verbete sobre o poeta, utilizando fontes secundárias (livros), porém res salvando a necessidade da feitura de uma pesquisa em fontes primárias (documentos vários), nos arquivos de Portugal e do Brasil, para o esboço de um seu "perfil" biográfico mais rico.

O POEMA

A *Descrição da Ilha de Itaparica* foi publicada, depois de 1765, em apêndice ao livro intitulado *Eustáqui dos*¹², por um anônimo.

No século XIX, em 1850, o historiador Varnha gen¹³ vai redescobrir o texto impresso, reeditando-o e fixando a sua autoria. A partir dessa "ressurreição", do poeta, do seu *Canto Heróico* e da ilha, os historiadores, críticos e antologistas¹⁴ da literatura brasileira começam a dar destaque a Frei Itaparica e ao seu poema.

De maneira unânime, os estudiosos do poema realizam o seu enquadramento, no cenário da "tradição", como um texto de conteúdo **nativista**, de exaltação temática da terra brasileira e suas virtualidades, na linhagem que nos devolve ao escrívão Pero Vaz de Caminha, aos cronistas Galdos e Gabriel Soares, aos poetas Bento Teixeira, Gregório de Mattos e Botelho de Oliveira, à historiografia de Frei Vicente do Salvador e Sebastião da Rocha Pitta, dentre outros autores da bibliografia brasileira do período colonial (século XVI ao XVIII).

De uma ótica estritamente literária, o poema é considerado uma colagem do modelo camoniano, de *Os Lusíadas*, do século XVI, não só por sua inspiração, mas, principalmente, pela sua forma. Todos sabemos que as aproximações com Luiz de Camões, o poeta português, têm que ser feitas, para com os textos poéticos da literatura brasileira do período colonial, no sentido da determinação objetiva da sua influência fundadora e duradoura. No caso de Frei Itaparica é flagrante o **vinco camoniano**, sob o aspecto formal e semântico, bastando para exemplificar a literal apropriação dos versos: 1) "O Reino de Plutão, horrendo e escuro.", (Camões, *Lus.*, II, 112, v.4) / "O Reino de Plutão horrendo e escuro;" (Itaparica, *Ita.*, XXIII, v.4); 2) "Estão virgíneas têtas imitando.", (Camões, *Lus.*, IX, 56, v.8) / "Estão Virgíneas têtas imitando", (Itaparica, *Ita.*, LI, v.2), idênticos versos para um tropo com "limões".

Nessa linha não é ocioso cotejarmos e mencionarmos, em parte, o arsenal vocabular das mitologias grega e latina comum aos poetas, um cavalgando no outro, porém, ambos siderados pelo "maravilhoso pagão" da cultura clássica

ca ocidental: Zēfiro, Eolo, Netuno, Citerēia, Galatēia, Aq̄ilo, Bōreas, Midas, Tētis, Austro, Glauco, Panopēia, Florā, Pomona, Diana, dentre outros¹⁵.

O texto de Frei Itaparica, ao desvendar a sua ilha (um canto do exílio?), nos conduz a ajustá-lo ainda dentro do cânone barroco, na passagem ou salto — antecipa do? — para o **neoclassicismo arcádico** (1768), tendo em vis̄ta a sua estrutura, os seus tropos e o seu rimário. O "Canto Herōico" sobre a ilha, em 65 oitavas-rimas, no r̄igido es̄ quema **abababcc**, em versos decassílabos, dentro da norma cāmoniana, resolve ao gênero, no século XVIII, bem antes da publicação de o *Caxamuru*¹⁶, no ano de 1781.

Os críticos e historiadores da nossa literatura realizam também um acercamento ou comparação, com propriedade, entre os poemas "A Ilha de Marē", de Botelho de Oliveīra¹⁷, e a "Descrição da Ilha de Itaparica", diferentes formalmente (**Silva/Canto Herōico**), mas, convergentes na intenção **nativista** de valorização do Brasil, e até mesmo bem próximos quanto ao universo dos elementos naturais enumerados e louvados.

É certo afirmarmos que Frei Itaparica leu o poema "A Ilha de Marē", publicado em 1705, em Lisboa, e sentiu-se emulado, anos depois, a descrever também a **sua Ilha**, que chamou de "Pátria", e não perdeu a ocasião de criticar Botelho de Oliveira (1636-1711), no final do seu "Canto Herōico": "Não usei termos de Poeta esperto¹⁸, / Fui historiador em tudo certo.", (Itaparica, *Ita.*, LXV, v.8 e 9).

A ILHA

Situada na Baía de Todos os Santos, a ilha de Itaparica¹⁹, que pertenceu aos índios tupinambás²⁰, foi sesmaria (1552) e capitania²¹ dos Athayde (Condes de Castanheira) e seus herdeiros, voltando ao domínio da Coroa portuguesa, por compra, no reinado de D. José I (1750-77), quando foram extintas as "capitanias particulares".

No momento em que Frei Itaparica escreve o seu poema, supomos que na maturidade²², certamente na segunda metade do século XVIII, Salvador já não era mais a capital do Brasil (1763) e a ilha havia passado à condição de "terro" (território) sob a jurisdição e administração da "Cidade da Bahia".

O "Canto" do ilhéu sobre a sua "Pátria" é uma crônica em versos — poeta e historiador irmanados na **alegoria** — que discorre acerca das suas qualidades e espécies naturais, ganhando o poema (e a ilha) em originalidade, quando vemos descrito o episódio da **pesca da baleia**²³, da oitava XVI até a XLI, no qual desponta em **nativismo**, ao ser desejado ("se busca"), um **brasileiro** ("Brásilo"), nome mítico inventado (neologismo) de **herói brasílico** (seria um tupinambá?), em oposição a "Glauco" (mit. pescador) e aos "nautas" negros e de "sangue misturado" que realizam a perigosa (**he**

rõica) pescaria: "Como, pequeno bicho, ãs atrevido / Contra o monstro do mar mais desmedido?"²⁴.

Os habitantes da ilha (moradores, povo, gente, Etíopes, mestiços, como estão indicados no poema) compõem a paisagem como "pescadores" na sua faina²⁵, envolvendo-os o poeta em paradisíaco cenário, no qual os frutos do mar, águas e fontes, gado, flores e os frutos da terra (estrangeiros e **nativos**) são enumerados²⁶ e/ou adjetivados. *Ilha de Itaparica*, que se a "Deusa Citerêia"²⁷ tivesse "conhecido" certamente "desprezaria" a sua **Chipre**²⁸, num claríssimo e clássico reforço do poeta em reafirmar o seu **nativismo** através da alusão e comparações mitológicas.

Com ênfase no aspecto pinturesco da sua natureza, mesclada com as deidades da mitologia, a ilha de Itaparica, na **descrição** do poeta (na qual o **Índio** não conta), além de ser amena e "formosa", tem como edificações (onde estão as casas dos "moradores"?) um **Forte**²⁹, **Engenhos** de açúcar destruídos ou arruinados³⁰, e está dividida em duas **Freiguesias**³¹, com as suas **Igrejas** e párcos, e mais oito **Capelas** filiais com as invocações respectivas³². Na ilha, a pescaria e a pesca da baleia, em especial, com o fabrico do azeite, são as atividades econômicas (e de subsistência) que se destacam, junto com a presença do gado ("pingue" = gordo) e da lavoura.

A ilha de Itaparica, de resto, tem o começo da sua **fortuna literária**, desde o século XVII, com um soneto (apógrafo) de Gregório de Mattos³³, e agora, contemporaneamente, com o romance de João Ubaldo Ribeiro³⁴, na sua lição crítica e política de narrador, e na dieta e receita antropofágica do personagem **Capiroba**, um vingador dos tupinambás: "...cujo paladar, antes rude, se tornou de tal sorte afeito à carne flamenga que às vezes chegava mesmo a ter engulhos, sô de pensar em certos portugueses e espanhóis que em outros tempos havia comido, principalmente padres e funcionários da Coroa, os quais lhe evocavam agora uma memória oleosa, quase sebenta, de grande morrinha e invencível graveolência".

Para concluir, podemos afirmar que Frei Itaparica foi, em verdade, mais **poeta** que pretendido **historiador**, ao contrário do que disse (*Ita.*, LXV, v.8 e 9), quando descreveu a sua ilha, em "narração" alegórica e poética, no século XVIII, em um "Canto Heróico" (um **projeto irrealizado!**) de chão baiano, que foi palco de **duras provações** (batalhas) nas investidas holandesas, como podemos ler em Vieira³⁵: "Tinhão elles (os flamengos) sahido na Ilha de Taparica, fronteira à Bahia, e aqui levados do furor heretico derão muitos golpes em huma Cruz, que à porta de huma Ermida estava arvorada". (...) "He esta Cruz Santa agora mui venerada, e celebrada dos Moradores, porque alem do primeiro Milagre, obra Deos de presente muitos outros por seu meio"³⁶.

NOTAS

- 1 Jaboatão, Frei Antonio de Santa Maria. *Novo Obre Seráfico do Brasilico ou Cronica dos Frades Menores da Província do Brasil*, vol.I, Rio, IHGB, Tip. Brasiliense de Maximiano Gomes Ribeiro, 1858, p.370. (Esta edição corresponde ao texto publicado em Lisboa no ano de 1761). Para esta citação fizemos a atualização da grafia.
- 2 Fez votos de pobreza, castidade e obediência.
- 3 Convento no Recôncavo baiano, na enseada do Iguape (município de Cachoeira, Bahia), totalmente construído em 1686, hoje em ruínas. Sobre o monumento remetemos para: Fonseca, Fernando L.; *Santo Antonio do Faraguçu*, Salvador, Publicações do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho, 1973, 44p., il. Observar que Blake, Sacramento, *Dicionário Bibliographico Brasileiro*, Rio, CFC, 1970, (1ª edição em 1900), p.196, diz: "professou no convento de Iguarassú". Não custa referir que em Igaracu, Pernambuco, já havia um Convento de Santo Antonio (1588), conforme Miranda, Maria do Carmo Tavares de; *Os Franciscanos e a Formação do Brasil*, Recife, UFPE, 1976, p.79 e p.84. A autora não faz qualquer alusão, em seu livro, ao Frei Itaparica; poeta e frade seráfico.
- 4 Com a indicação da idade definiu-se a data de nascimento para 1704.
- 5 Os estudos para a formação dos frades franciscanos, assim como para outras ordens religiosas, gravitavam em torno das línguas (português, latim), retórica, filosofia, teologia, história da Igreja, direito canônico, etc.
- 6 Não são no sentido da oratória sacra, mas também na acepção mais diuturna da pregação pastoral e dos outros afazeres de um frade: celebrar missa, confessar, ministrar os sacramentos, etc., tudo "nas regras da arte e leis do evangelho".
- 7 Conforme as referências bibliográficas que dispomos é possível determinar, em parte, a produção poética do Frei Itaparica: a) obra impressa: a.1- "Eustachidos. Poema sacro, e Tragicomico, Em que se contém a vida de Stõ. Eustachio Martyr, chamado antes Placido, E de sua Mulher, e Filhos. Por hum anonymo Natural da Ilha de Itaparica, Termo Da Cidade da Bahia. Dado à luz por hum voto do Santo". (n.pl., n.pr., n.d.); a.2- "Descrição da ilha de Itaparica, termo da Cidade da Bahia, da qual se faz menção no Canto quinto". Este poema, em 65 oitavas, vem publicado em apêndice ao "Eustachidos", a partir da p.105; a.3- Também estão publicados três Sonetos, uma Canção Fúnebre e um Epigrama (em latim), todos em honra ao monarca falecido D.João V, em Barros, João Borges de., *Relação Panegyrica Das Honras Funeraes (...)*, Lisboa, Regia Officina Sylviana, e Academia Real, 1753,

págs. 122-128. Acreditamos que cronologicamente estes foram os cinco primeiros poemas impressos do autor; a.4- vide nota nº 9, para os poemas na *Academia dos Esquecidos*; b) obra **manuscrita**: Frei Jaboatão (*op.cit.* nota 1) faz menção a uma produção poética de Frei Itaparica dis persa (**manuscrita**) "por particulares mãos". É o mesmo cronista Jaboatão que vai nos informar que Frei Itaparica "tem mais prontas para dar à Imprensa" (*op.cit.* Parte Inédita, Rio, IHGB, vol.I, 1859, p.37 e 38); b.1-do poema "Eustachidos" que êle viu ainda **manuscrito** (M.S.); b.2- "Manifesto das grandes festas que se fizerão na capital da Paraíba aos faustíssimos cazamentos dos Príncipes de Portugal e Castella no ano de 1728 (...), canto heroico, e panegyrico em oitavas 45, M.S." (**manuscrito**); c) **observações**: c.1- com citação em separado ao "Eustachidos", ainda Frei Jaboatão (*op.cit.* p.38), vemos a "Descrição da Ilha de Itaparica, Patria sua, em 72 oitavas com hum soneto no fim à mesma Ilha, outro ao sítio de N.S. do Loreto na ponta do Norte da Ilha dos Frades". Devemos acentuar que Frei Jaboatão conheceu, segundo depreendemos, uma versão **manuscrita** mais longa (72 oitavas em vez de 65 como a impressa) da "Descrição da Ilha" e mais dois sonetos, sendo que um deles sobre a Ilha de Itaparica; c.2- É preciso assinalar que Frei Jaboatão faleceu em 1765 e que as suas primeiras notas sobre Frei Itaparica devem ser anteriores ao ano de 1761, que é a data de publicação do *Novo Orbe Seráfico* (...), em Lisboa, e também que a **parte inédita** divulgada pelo IHGB, Rio, 1859, foi evidentemente escrita antes de 1765; c.3- Quanto a uma provável datação do "Eustachidos" e da "Descrição da Ilha de Itaparica" notamos que Silva, Inocencio Francisco da., *Diccionario Bibliográfico Portuguez*, T.II, Lisboa, Imprensa Nacional, 1859, p.248 e 249, e T.VI, 1862, p.54, faz uma **grande confusão** ao dizer: I) "os caracteres inculcam que a edição seria feita antes do meiado do século XVIII"; II) invocando Frei Jaboatão (*op.cit.* p.38) "ficamos certos (...), mas de que tal poema estava ainda manuscrito em 1768, devendo por conseguinte ser posterior a esse anno a edição sem data que d'elle existe"; c.4- vide notas nºs. 13 e 14.

- 8 Agremiação de letrados criada na Bahia, Salvador, sob o patrocínio do Vice-rei e Conde de Sabugosa, Vasco Fernandes César de Menezes, a qual teve vida efêmera, de 1724 a 1725, composta de 44 poetas e prosadores, os quais produziram muita poesia, oratória e trabalhos de conteúdo histórico sobre o Brasil.
- 9 São ao todo cinco Sonetos, uma Décima, e um Epigrama (em latim), conforme Castello, José Aderaldo, et alii. *O Movimento Academicista no Brasil*, vol.I, T.I., S. Paulo, Conselho Estadual de Cultura, p.260-262, 277, 304.

- 10 Calmon, Pedro. *História da Literatura Baiana*, Salvador, Prefeitura Municipal do Salvador, 1949, p.51-57.
- 11 Vide nota nº 9.
- 12 Vide nota nº 7.
- 13 Varnhagen, F.A. (Visconde de Porto Seguro). *Florilegio da Poesia Brasileira*, (...), T.I., Rio, Academia Brasileira, 1946, p.203 a 216. (A primeira edição é de 1850, impressa em Lisboa). É interessante observarmos que Ignácio Accioli de Cerqueira e Silva, nove anos antes de Varnhagen, editou um folheto, na Bahia, em 1841, contendo o poema "Descrição da Ilha de Itaparica", enviando dois exemplares para o IHGB, com uma carta (vide *Revista Trimensal de História e Geographia*, Rio, IHGB, 1841, T.III, Reimpressa em 1860, p.230) que foi lida na 62a Sessão em 06/05/1841. Este folheto e carta não foram localizados, recentemente, na biblioteca e arquivo da instituição.
- 14 Wolf, Ferdinand. *Le Brésil Littéraire. Histoire de la Littérature brésilienne* (...), Berlin, A.Ascher, 1863, 242p. (publicadas na antologia, p.25 e 26, as oitavas I a IV e a LXV); Filho, Mello Morais. *Parnaso Brasileiro* (1556-1840), Rio, Garnier Editor, 1885, (publicadas somente as oitavas I a IV e a LXV); Hollanda, Sérgio Buarque de. *Antologia dos Poetas Brasileiros da Fase Colonial*, V.I, Rio, Imprensa Nacional, 1953, p.170 a 193, (o poema está publicado na íntegra); Ramos, Pêricles Eugênio da Silva. *Poesia Barroca*, S.Paulo, Melhoramentos, 1967, p.194 a 207 (publicadas as oitavas IV a XLI e mais XLVI a LVII); Candido, Antonio e Castello, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira (História e Antologia/Das origens ao Realismo)*, S.Paulo, DIFEL, 1985, p.68 a 71 (publicadas são as oitavas I a XV). Estas são algumas das antologias que guardam o poema de Frei Itaparica.
- 15 Na leitura e mariscagem vocabular do poema de Frei Itaparica outras entidades mitológicas são invocadas ou citadas. Remetemos o leitor para duas obras de referência, de fácil acesso: Ribeiro, Joaquim Chaves. *Vocabulário e Fabulário da Mitologia*, S.Paulo, Martins, 1962, 339p.; Spalding, Tassilo Orpheu. *Dicionário de Mitologia Greco-Latina*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1965, 286p. Cotejar o vocabulário de Frei Itaparica (não são o mitológico), com o de Camões, em *Os Lusíadas*, é tarefa curiosa e pode ser feita com: Cunha, Antonio Geraldo da. *Índice Analítico do Vocabulário de Os Lusíadas*. Rio, Presença/INL, 1980, 325p.
- 16 Durão, José de Santa Rita. *Caramuru. Poema Épico do descobrimento da Bahia* (...), Lisboa, na Regia Officina Typographica, 1781, 307p.
- 17 Oliveira, Manuel Botelho de. *Música do Parnaso*, T.I., Rio, INL, 1953, 252p. ("A Ilha de Maré"/Termo Desta Ci

- dade da Bahia/Silva/está da p.125 a p.136).
- 18 "Poeta esperto" seria uma referência aos "metrificados gongóricos", no entendimento de Moisés, Massaud, *História da Literatura Brasileira*, vol.I, S.Paulo, Cultrix, 1983, p.128.
- 19 O Prof. Frederico G.Edelweiss, em "notas de classe", conservadas por sua discípula Consuelo Pondê de Sena, vai nos explicar: "Temos na Baía de Todos os Santos um **itapari** no fundo e a ilha de Itaparica na entrada. Das duas denominações uma, **itapari**, é genuinamente **tupí** — de **itã**, pedra, pedras, e **pari**, cerca, canal, que tem uma abertura estreita por onde se apanha o peixe com relativa facilidade na baixa das águas. Defronte da Ilha de Itaparica, vista da cidade do Salvador, existe um anteparo natural. Por que então Itaparica e não **itapari**? Não haverã, pois, nesta forma **Itaparica** a influência de outro sítio altaneiro à margem esquerda do rio Tejo, defronte do cais de Belém, que se chama **Caparica**? Essa hipótese pode ser ousada, mas, por outro lado, a terminação **ca** não encontra base aceitável no tupi". Ainda sobre a etimologia do nome da ilha podemos alinhar: a) Itapari, c. **itã-pari**, a tapagem de pedras; a cerca ou fecho de pedras, cf., Sampaio, Teodoro. *O Tupi na Geografia Nacional*. Introdução e notas de Frederico G.Edelweiss. 4a.ed., Salvador, Câmara Municipal, 1955, p.227; b) Outras denominações ou grafias podem ser encontradas em documentos do século XVI e XVII, como **Taparica** (*Regimento de Tomé de Souza* — vide nota nº 20; Sousa, Gabriel Soares de, *Notícia do Brasil*, T. 1º, S.Paulo, Martins Editora, s.d.p., p.297), **Taparigua** (Nóbrega, Manuel. *Cartas do Brasil (1549-1560)*, Rio, ABL, 1931, p.205), **Taborycka** (Ilie de), em mapa e texto de Savrij, Salomon (1647), publicado por Sousa, Leão Joaquim. *Salvador da Bahia de Todos os Santos, iconografia seiscentista desconhecida*, Haia, Meulenhoff, Rio, Kosmos, 1957 (36p.) il., mapas. Remetemos o leitor para: a) Rathbun, Richard. *Observações sobre a Geologia. Aspecto da Ilha de Itaparica (...)*. Rio, Arquivos do Museu Nacional, v.3, 1878, p.159-199; b) Carigê, Eduardo. *Geographia Phisica e Politica da Provincia da Bahia*, Bahia, Imprensa Economica, p.11 e p.95. Neste autor a ilha "É chamada a **Europa dos pobres**"; c) três verbetes sobre a ilha em Pinto, Alfredo Moreira. *Apontamentos para o Diccionario Geographico do Brazil*, Rio, Imprensa Nacional, 1896, v.2, p.217; d) sobre aspectos gerais da ilha, consultar Osório, Ubaldo. *A Ilha de Itaparica (História e Tradição)*, 4a.ed., Salvador, FCEBA, 1979, 564p.; e) Itaparica-Ba, In: *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio, IBGE, 1958, v.20, p.316-22; f) hoje a ilha está dividida em dois municípios, **Itaparica** propriamente dito, e **Vera-Cruz**, cf. Centro de Plã

- nejamento da Bahia. *Informações básicas dos municípios baianos, por microrregiões homogêneas*. Salvador, 1978, v.5, p.309-14, 413-18.
- 20 Já no *Regimento de Tomé de Souza* (17.12.1548) lemos a informação da presença de uma "pequena parte da linhagem dos topinambais" como habitantes da Ilha de Taparica: *História da Colonização Portuguesa no Brasil...*, Porto, Litografia Nacional, 1921-24, v.3, cap.8, p.345. Também podemos observar que Santa Rita Durão (*op.cit.*: nota nº 16), no seu poema *Caramuru*, p.113, vai dizer: "De Taparica hum Principe possante/Que domina, e dá nome à fertil ilha", (IV, 8, v.1 e 2). Em verdade este personagem é uma criação do poeta, que vai transformá-lo em pai de Catarina Paraguaçu e (re)casã-ia, anos depois, com Diogo Álvares (*Caramuru*) quando este naufraga, pela segunda vez, em 1547, agora em Itaparica, conjuntamente com o capitão (donatário) Francisco Pereira Coutinho, e vai ser poupado — não devorado — pelos tupinambás da ilha que eram antropófagos.
- 21 Em 1556, conforme Calmon, Pedro. *História da Fundação da Bahia*, Bahia, Museu do Estado, 1949, p.192. Vide também *Documentos Históricos*, v.XXXVI, Rio, Biblioteca Nacional, 1937, p.357 a 375.
- 22 Vide a oitava III, especialmente o v.3, "E na idade em que vêm os desenganos", em oposição ao "florido de meus anos" (v.1).
- 23 Introduzida no Brasil, Bahia, em 1603, pelo biscoito Pedro de Urecha, que veio com três barcos e gente (pescadores) da Biscaia, chegando a Salvador com o governador Diogo de Botelho (1602-07). Em Sousa, Gabriel Soares de, *op.cit.*, T.29, p.183, há um capítulo CXXV "Que Trata Das Baleias Que Se Entram No Mar da Bahia". Esse é um texto do século XVI, de 1587. Podemos ler em Salvador, Frei Vicente do, *História do Brasil*, 1500-1627, S. Paulo, Melhoramentos, s.d.p., p.347 a 349, um curioso relato: "Em o mes de junho entra nesta baia grande multidão de baleias...". Também Pitta, Sebastião da Rocha, *História da América Portuguesa*, Bahia, Imprensa Econômica, 1878, p.30 e 31, vai descrever a "Pescaria das Baleias", no seu texto do século XVIII, e denominá-la de "estupendo parto das ondas, util monstro do mar". Outras referências podem ser indicadas sobre o tema: a) Câmara, Antonio Alves. *Pescas e Peixes da Bahia*. Rio, Tipografia Leuzinger, 1911, p.53 a 86; b) Ellis, Myriam. *Aspectos da pesca da baleia no Brasil colonial*, S. Paulo, 1958, 126p. il. tab. (Col. "R. de História", 14); c) Ribeiro, João Ubaldo. *Viva o Povo Brasileiro*, Rio, Nova Fronteira, 1984, p.74, onde podemos ler uma magistral descrição da "pesca da baleia".
- 24 Vide oitava XX, v.8, para "Brãsil", e oitava XXI, v.7, para "pequeno bicho" = perífrase de homem.

- 25 Alêm da "pesca da baleia", o poeta menciona outros tipos de pescaria e instrumentos usados: barcos, redes, tarrafa, etc. Sobre o assunto remetemos para: a) Câmara, Antônio Alves. *op.cit.* nota nº 23; b) Ott, C.F., *Os Elementos Culturais da Pescaria Baiana*, Rio, Boletim do Museu Nacional (Antropologia), nº 4, 1944, (Separata), 67p.; c) Agostinho, Pedro. *Embarcações do Recôncavo: Um Estudo de Origens*. Salvador, Publicações do Museu do Recôncavo Wanderley Pinho. 46p. il.
- 26 Somente uma leitura do poema poderão remeter o leitor para o universo da "natureza" da ilha. Como referência indicamos: a) Menezes, A. Inácio de. *Flora da Bahia*. S. Paulo. Comp. Ed. Nacional, 1949, 265p. (Brasíliana, 264); b) Corrêa, M. Pio. *Diccionario das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio, Ministério da Agricultura, 1926-1974, v.1-5, il.
- 27 Cognome com que Vênus era adorada em Citerã, ilha grega, quando nasceu das espumas das ondas. Vamos encontrá-la em Camões, *Lus.*, I, 34; v.1; X, 53, v.8; X, 57, v.5.
- 28 Ilha célebre pelo templo de Vênus (Citerã).
- 29 É o atual Forte de São Lourenço, cujas fundações são da terceira invasão holandesa na Bahia, em 1647, construído por Segismundo Von Schkoppe. Sobre o assunto vide: a) Caldas, José Antonio. *Notícia Geral de Toda Esta Capitania da Bahia Desde o Seu Descobrimento Até o Presente Ano de 1759*, Bahia, Tip. Beneditina, 1951, p.385 e 386; b) Mirales, José de. *História Militar do Brasil* (1549-1762), in Annaes da BN, Rio, Tip. Leuzinger, v.XXII, 1900, p.78, p.145, p.164; c) Vilhena, Luiz dos Santos. *Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasileiras*, Bahia, IOE, 1921, v.1, p.238, 239, 244; d) Campos, J. da Silva. *Fortificações da Bahia*. Rio, SPHAN, nº 7, 1940. p.179 a 190.
- 30 A oitava XLIII indica a decadência da cana-de-açúcar e engenhos. Sabemos que os holandeses nas três invasões da Bahia destruíram engenhos na ilha. Vide Pinho, Wanderley. *História de Um Engenho do Recôncavo*. Rio, Zélio Valverde, 1946. p.80, 81, 83.
- 31 Efetivamente, no século XVIII eram duas as freguesias da ilha (Santa Vera-Cruz e Santo Amaro) como as denominou o poeta, as quais estão descritas ("Relações") pelos vigários Cristóvão dos Santos e João Vieira de Barros, em 1757, com minudências: vide Silva, Ignácio Accioli de Cerqueira. *Memórias Históricas e Políticas da Província da Bahia* (anotadas por Braz do Amaral), v.V, Bahia, IOE, 1937. p.391-93 e p.395-96.
- 32 Vide "Relações" dos vigários indicadas em nota nº 31: Accioli. *op.cit.* p.391-93 e 395-96. Também remetemos para Santa Maria, Frei Agostinho de. *Santuário Mariano*, Bahia, Separata do IGHB, 1949 (a 1ª Ed. é de Lisboa, 1707), p.129-31, onde estão nominadas as invocações à Nossa Se

- nhora na ilha: Rosário, Encarnação e Purificação. Observar no poema a existência de duas capelas para S. João Batista (*Ita.*, LXII, v.6; LXIV, v.7), festejado no dia 24 de junho: "E em o dia de São João Batista começam a pescaria..." (das baleias), cf. Salvador, Frei Vicente do. *op.cit.*, p.347. Para orientar o leitor mais curioso quanto às invocações, lembramos que Santo Amaro é o mesmo Santo Mauro, monge beneditino, festejado em 15 de janeiro, e remetemos para: a) Sgarbossa, Mario e Giovanni Luigi. *Um santo para cada dia*, S.Paulo, Ed.Paulinas, 1984. 421p.; b) Megale, Nilza Botelho. *107 Invocações da Virgem Maria no Brasil*, Rio, Vozes, 1980. 372p. Para o Santo Mártir (*Ita.*, LXII, v.1-4) vide S.Lourenço, que é ainda hoje nominado em Igreja e Fortaleza na ilha.
- 33 Mattos, Gregório de. *Obras completas*, v.VI, Salvador, Janaína, 1968, p.1522: "Ilha de Itaparica, alvas areias, / Alegres praias, frescas deleitosas, / Ricos polvos, lagostas deliciosas, / Farta de Putas, rica de baleias". (Soneto, 1º quarteto).
- 34 Ribeiro, João Ubaldo. *op.cit.*, p.44. Vide nota nº 23.
- 35 Vieira, Antonio, SJ. *Anua ou Annaes da Provincia do Brazil, dos dous annos de 1624, e de 1625*. Separata dos *An. Bibl. Nac.*, Rio, 19:190-191, 1897. Vide notas 29 e 30.
- 36 Vide a notícia do "milagre" no poema: *Ita.*, LX, v.5-8.

**PEQUENO ELUCIDÁRIO DO POEMA POR ORDEM ALFABÉTICA
E INDICAÇÃO DE ENTRADA NAS OITAVAS E VERSOS**

- ADUSTOS** (XX.3): **adusto** (do lat. **adustu**). Adj. tisonado, tostado, enegrecido: pele adusta.
- AIROSO** (VIII.6): (do esp. **airoso**). Adj. esbelto, elegante.
- ALVEDRIO** (XI.4): s.m. vontade própria; arbítrio.
- AMBITO ROTUNDO** (XVII.3): perífrase de **mundo**.
- BAIXEL** (X.5): (do cat. **vaixel**, atr. do esp. **bajel**): s.m. barco ou navio.
- BRASÍLICA** (LVI.7): adj. coisa indígena ou nativa do Brasil.
- BRÁSIL** (XX.8): **neologismo** do poeta para significar brasileiro ou nativo.
- CARÁS** (LVIII.7): **carã** (do tupi **ka'ra**): s.m. nome comum a várias plantas da família das dioscoreáceas. Inhameda-china.
- CERNAMBIS** (XV.8): **cernambi**: s.m. Bras. espécie de molusco de uso na alimentação.
- CIRANDAGENS** (XL.8): cirandagem: s.f. porção poeirada pela **ciranda**. s.f. peneira grossa com que se poeiram grãos de areia, etc.
- CLAVEL** (XLVI.8): s.m. (do esp.): craveiro, **cravo**, flor.
- COMARÇÃO** (XXXVII.3): ant. região, confins. Em Rathbun (vide nota 19) lemos **Conceição**.
- CONCAVIDADE** (XXVI.3): (do lat. **concavitate**) s.f. cavidade, cova. Vide **pego**, **pêlago**.
- DIGNIDADE** (XXXVII.2): (do lat. **dignitate**). No texto indica ser **moradia**, **habitação**.
- DONAIRE** (VIII.6): (do esp. **donaire**) s.m. garbo, graça. Vide **airoso** (VIII.6).
- ELEMENTO UNDOSO** (IX.3): perífrase de **mar**. **Undoso**. (do lat. **undosu**). Em que há ondas; que forma ondas.
- ENCOSCORÁ** (XXXIV.3): do v.t. encarquilhar, enrugar, encrespar. O texto sugere o sentido de **enrolar**, **enrodilhar**.
- ESPADANA** (XXIX.1): s.f. jacto de líquido em forma de lâmina de espada.
- ESTÓPEO** (L.2): **neologismo** do poeta (do lat. **stupeo**). imóvel, hirto. Também pode ser derivado de **estopento**. adj. filamento como a estopa. Observar que o poeta está descrevendo o tronco da bananeira.
- ETOPES** (XX.1-XL.5): negros.
- FAUCE** (XVI.2): (do lat. **fauces**) s.f. A parte superior e inferior da goela.
- FEMENTIDO** (I.7): adj. Que mentiu a fê jurada; enganoso.
- GALARIA** (LIII.2): s.m. ornato, vestido, garbo.
- GASNATE** (XXXI.7): s.m.v. **gasganete**; garganta.
- INGENTE** (XXIX.4): (do lat. **ingente**). Adj. muito grande; enorme.

- INÓPIA** (XXXIX.8): (do lat. *inopia*), s.f. pobreza, indigência, penúria.
- JOÃO BENDITO** (LXII.6): É São João Batista, festejado no dia 24 de junho. É o *benedictus* do Evangelho de São Lucas, 3.16.
- LESURA** (XVI.6): **neologismo** do poeta; o texto indica: sem le são, dano.
- MANGARÁS** (LVIII.8): (do tupi, *mana'ra*). Planta da família das aráceas. Raiz em Cardim e G.S.Souza. Em Itaparica é **legume** nativo.
- MUDOS NADADORES** (XI.8): perífrase de peixe.
- NACAR** (XV.4): s.m. substância branca, brilhante, com reflexos irisados que se encontra no interior das conchas.
- PEGO** (XXVI.3): (do gr. *pelagos*, lat. *pelagu*): s.m. abismo marítimo. Vide **pelago** (XII.4).
- PEQUENO BICHO** (XXI.7): perífrase de homem.
- PINGUE** (XLV.2): (do lat. *pingue*): adj. gordo, rendoso, abundante.
- RENDIMENTO** (I.5): s.m. ato de oferecer, dar, prestar: **rendimento** de homenagens; cumprimentos.
- REGENTE** (XXXIX.4): (do lat. *regente*): adj. que rege, dirige ou governa. No texto o pescador que lidera a tripulação.
- SANTO MÁRTIR** (LXII.1.2): São Lourenço; morto pelo Imperador Valeriano no ano 257.
- TETÉRRIMOS** (XVII.7): **tetérismo** (do lat. *teterrimu*). de **Tetro**. adj. negro, escuro, horrível, medonho, tétrico.
- TÍRIA** (XV.4): (do gr. *tyrios*, lat. *tyriu*): adj. de, ou pertencente ou relativo a Tiro, antiga cidade fenícia; **purpúreo**, **purpurino**, **púrpuro**.
- TRUSÁTIL** (XXXIII.7): **neologismo** do poeta (do lat. *trusatis*, e). Que é posto em movimento. **Mô** ou **moinho de mão**.
- VENTO AUSTRO** (XIX.2): vento quente e tempestuoso que sopra do Sul. Figura da mitologia. Vide nota 23 para o "tempo decretado" (XIX.1) da chegada das baleias no mês de junho.
- VITAL AURA** (XXX.2): sopro de vida, alento (aura vital).
- ZANGAREIA** (X.7): **Zangareilha** (de **zangarelho**): tarrafa de arastar; rede de um sô-pano para apanhar pescadas. Também **Angareira**: s.f. pequena rede de malhas apertadas, usada na pesca da tainha.

OBSERVAÇÃO: Para uma consulta a dicionários, dentre outros, remetemos o leitor: I) Bluteau, Rafael D., *Pe. Vocabulário Português e Latino*, 8 volumes, publicados em diversas oficinas, Lisboa e Coimbra, de 1712 a 1721; mais dois de *Suplemento*, 1727-1728; II) Ferreira, Aurélio Buarque de **Hólanda**, *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio, Nova Fronteira, s.d.p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

ANTOLOGIA
DOS
POETAS BRASILEIROS
DA
FASE COLONIAL

POR
SÉRGIO BUARQUE DE HOLLANDA

VOLUME I

REVISÃO CRÍTICA POR
AURELIO BUARQUE DE HOLLANDA FERREIRA



DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL
RIO DE JANEIRO — 1963

DESCRIZAÇÃO DA ILHA DE ITAPARICA

TÉRMO DA CIDADE DA BAHIA

Canto Heróico

I

Cantar procuro, descrever intento
Em um Heróico verso, e sonoro,
Aquele que me deu o nascimento,
Pátria feliz, que tive por ditoso:
Ao menos co'êste humilde rendimento
Quero mostrar lhe sou afetuoso,
Porque é de ânimo vil e fementido
O que à Pátria não é agradecido.

II

Se nasceste no Ponto, ou Líbia ardente,
Se no Píndaro viste a aura primeira,¹
Se nos Alpes, ou Etna comburente,
Princípio houveste na vital carreira,
Nunca queiras, Leitor, ser delinqüente,
Negando a tua Pátria verdadeira,
Que assim mostras herdaste venturoso
Ânimo heróico, peito generoso.

III

Musa, que no florido de meus anos
Teu furor tantas vêzes me inspiraste,
E na idade em que vêm os desenganos
Também sempre fiel me acompanhaste,
Tu, que influxos repartes soberanos
Dêsse monte Helicon, que já pisaste,
Agora me concede o que te peço,
Para seguir seguro o que começo.

IV

Em o Brasil, Província desejada
Pelo metal luzente, que em si cria,
Que antigamente descoberta e achada
Foi de Cabral, que os mares discorria,

1. Na edição original e no *Florilégio* está "Pindaro" no lugar de "Píndaro".

Perto donde está hoje situada¹
 A opulenta e ilustríssima Bahia,²
 Jaz a ilha chamada *Itaparica*,
 A qual no nome tem também ser rica.

V

Está posta bem defronte da Cidade,
 Só três léguas distante, e os moradores³
 Daquela a esta vêm com brevidade,
 Se não faltam do Zéfiro os favores;
 E ainda quando com ferocidade
 Éolo está mostrando os seus rigores,
 Para a Côte navegam, sem que cessem,
 E parece que os ventos lhe obedecem.

VI

Por uma e outra parte rodeada
 De Netuno se vê tão arrogante,
 Que algumas vêzes com porcela irada
 Enfia o melancólico semblante;
 E como a tem por sua, e tão amada,
 Por lhe pagar fiel foros de amante,
 Muitas vêzes também serenamente
 Tem encostado nela o seu Tridente.

1. No *Florilégio* de Varnhagen, e no *Parnaso*, de Melo Morais Filho, está "Pôrto" em lugar de "Perto".

2. No *Florilégio*, de Varnhagen, e no *Parnaso*, de Melo Morais Filho, está "ilustrada" em lugar de "ilustríssima".

3. No *Florilégio* está "defronte" em lugar de "distante".

VII

Se a Deusa Citeréia conhecera
Desta Ilha celebrada a formosura,
Eu fico que a Netuno prometera
O que a outros negou cruel e dura:
Então de boa mente lhe oferecera
Entre incêndios de fogo a neve pura,
E se de alguma sorte a alcançara,
Por esta a sua Chipre desprezara.

VIII

Pela costa do mar a branca areia
É para a vista objeto delicioso,
Onde passeia a Ninfa Galatéia
Com acompanhamento numeroso;
E quando mais galante se recreia
Com aspecto gentil, donaire airoso,
Começa a semear das roupas belas
Conchinhas brancas, ruivas e amarelas.

IX

Aqui se cria o peixe copioso,
E os vastos pescadores em saveiros
Não receando o Elemento undoso,
Neste exercício estão dias inteiros;
E quando Áquilo e Bóreas proceloso
Com fúria os acomete, êles ligeiros
Colhendo as velas brancas, ou vermelhas,
Se acomodam cos remos em parelhas.

X

Neste porém marítimo regalo
 Uns as rêdes estendem diligentes,
 Outros com fôrça, indústria e intervalo
 Estão batendo as ondas transparentes:
 Outros noutro baixel sem muito abalo
 Levantam cobiçosos e contentes
 Uma rêde, que chamam Zangareia,
 Para os saltantes peixes forte teia.

XI

Qual aranha sagaz e ardilosa
 Nos ares forma com sutil fio
 Um labirinto tal, que a cautelosa
 Môsca nêle ficou sem alvedrio,¹
 E assim com esta manha industriosa²
 Da mísera vem ter o senhorio,
 Tais são com esta rêde os pescadores
 Para prender os mudos nadadores.

XII

Outros também por modo diferente,
 Tendo as rêdes lançadas em seu seio,
 Nas coroas estão postos firmemente,
 Sem que tenham do pélago receio:
 Cada qual puxa as cordas diligente,
 E os peixes vão fugindo para o meio,
 Té que aos impulsos do robusto braço
 Vêm a colhêr os míseros no laço.

1. V. nota no fim do volume: *Santa Maria Itaparica*, II.

2. Na ed. original está "mancha" em lugar de "manha", certamente por erro de impressão. A emenda é de Varnhagen, no *Florilégio*.

XIII

Nos baixos do mar outros tarrafando,
Alerta a vista, e os passos vagarosos,
Vão uns pequenos peixes apanhando,
Que para o gosto são deliciosos:
Em canoas também de quando em quando
Fisgam no anzol alguns, que por gulosos
Ficam perdendo aqui as próprias vidas,
Sem o exemplo quererem ter de Midas.

XIV

Aqui se acha o marisco saboroso,
Em grande cópia, e de casta vária,
Que para saciar ao apetitoso,
Não se duvida é cousa necessária:
Também se cria o lagostim gostoso,
Junto coa ostra, que por ordinária
Não é muito estimada, porém antes
Em tudo cede aos polvos radiantes.

XV

Os camarões não fiquem esquecidos,
Que tendo crus a côr pouco vistosa,
Logo vestem depois que são cozidos
A côr do nácar, ou da Tíria rosa:
Os cranguejos nos mangues escondidos
Se mariscam sem arte industriosa,
Búzios também se vêem, de musgo sujos,¹
Cernambis, mexilhões e caramujos.

1. Na ed. original está "cujos" em lugar de "sujos". Vocabogon corrigiu o lapso no *Florilégio*.

XVI

Também pertence aqui dizer ousado
Daquele peixe, que entre a fauce escura
O Profeta tragou Jonas sagrado,
Fazendo-lhe no ventre a sepultura;
Porém sendo do Altíssimo mandado,
O tornou a lançar são sem lesura
(Conforme nos afirma a Antiguidade)
Em as praias de Ninive Cidade.

XVII

Monstro do mar, Gigante do profundo,
Uma tórre nas ondas soçobrada,
Que parece em todo o âmbito rotundo
Jamais bêsta tão grande foi criada:
Os mares despedaça furibundo
Coa barbatana às vêzes levantada,
Cujos membros tetérrimos e broncos
Fazem a Tétis dar gemidos roncós.

XVIII

Baleia vulgarmente lhe chamamos,
Que como só a esta Ilha se sujeita,
Por isso de direito a não deixamos,
Por ser em tudo a descrição perfeita;
E para que bem claro precebamos
O como a pescaria dela é feita,
Quero dar com estudo não ocioso
Esta breve notícia ao curioso.

XIX

Tanto que chega o tempo decretado,
 Que êste peixe do vento Austro é movido,
 Estando à vista de Terra já chegado,
 Cujos sinais Netuno dá ferido,
 Em um pôrto desta Ilha assinalado,
 E de todo o preciso prevenido,¹
 Estão umas lanchas leves e veleiras,
 Que se fazem cos remos mais ligeiras.

XX

Os Nautas são Etiopes robustos,
 E outros máis do sangue misturado,
 Alguns Mestiços em a côr adustos,
 Cada qual pelo esforço assinalado:
 Outro ali vai também, que sem ter sustos
 Leva o arpão da corda pendurado,
 Também um, que no ofício a Glauco ofusca,
 E, para isto Brásilo se busca.

XXI

Assim partem intrépidos sulcando
 Os palácios da linda Panopéia,
 Com cuidado solícito vigiando
 Onde ressurge a sólida Baleia.
 Ó gente, que furor tão execrando
 A um perigo tal te sentençaia?
 Como, pequeno bicho, és atrevido
 Contra o monstro do mar mais desmedido?

1. No *Florilégio* está "precioso" em lugar de "precioso".

XXII

Como não temes ser despedaçado
De um animal tão feio e tão imundo?
Por que queres ir ser precipitado
Nas íntimas entranhas do profundo?
Não temes, se é que vives em pecado,
Que o Criador do Céu e deste Mundo,
Que tem dos mares todos o governo,
Dêsse lago te mande ao lago Averno?

XXIII

Lá intentaram fortes os Gigantes
Subir soberbos ao Olimpo puro,
Acometeram outros de ignorantes
O Reino de Plutão horrendo e escuro;
E se êstes atrevidos e arrogantes
O castigo tiveram grave e duro,
Como não temes tu ser castigado
Pelos monstros também do mar salgado?

XXIV

Mas enquanto com isto me detenho,
O temerário risco admoestando,
Eles de cima do ligeiro lenho
Vão a Baleia horrível avistando:
Pegam nos remos com forçoso empenho,
E todos juntos com furor remando
A seguem por detrás com tal cautela,
Que imperceptíveis chegam junto dela.

XXV

O arpão farpado tem nas mãos suspenso
Um, que da proa o vai arremessando,¹
Todos os mais deixando o remo extenso
Se vão na lancha súbito deitando;
E depois que ferido o peixe imenso
O veloz curso vai continuando,
Surge cad'um com fúria e força tanta,
Que como um Anteu forte se levanta.

XXVI

Corre o monstro com tal ferocidade,
Que vai partindo o úmido Elemento,
É lá do pego na concavidade
Parece mostra Tétis sentimento:
Leva a lancha com tal velocidade,
E com tão apressado movimento,
Que cá de longe apenas aparece,
Sem que em alguma parte se escondesse.

XXVII

Qual o ligeiro pássaro amarrado
Com um fio sutil, em cuja ponta
Vai um papel pequeno pendurado,
Voa veloz sentindo aquela afronta,
E apenas o papel, que vai atado,
Se vê pela presteza, com que monta,
Tal o peixe afrontado vai correndo
Em seus membros atada a lancha tendo.

1. No *Florilégio* vem "na proa" em lugar de "da proa".

XXVIII

Depois que com o curso dilatado, bôça O
 Algum tanto já vai desfalecendo, sup' um J
 Eles então com força e com cuidado o aboT
 A corda pouco a pouco vão colhendo, v' sê
 E tanto que se sente mais chegado, toqôô H
 Ainda com fúria os mares combatendo, v' O
 Nos membros moles lhe abre uma rotura, E
 Um novo Aquiles c' ùa lança durasmo sup'

XXIX

Do golpe sai de sangue uma espadana,
 Que vai tingindo o Océano ambiente,
 Com o qual se quebranta a fúria insana¹
 Daquele horrível peixe, ou bêsta ingente,
 E sem que pela plaga Americana
 Passado tenha de Israel a gente,
 A experiência e vista certifica
 Que é o mar vermelho o mar de Itaparica.

XXX

Aos repetidos rasgos desta lança
 A vital aura vai desamparando,
 Té que fenece o monstro sem tardança,
 Que antes andava os mares açoutando:
 Êles puxando a corda com pujança
 O vão da lancha mais perto arrastando,
 Que se lhe fiou Cloto o longo fio,
 Agora o colhe Láquesis com brio.

1. Na ed. original, por erro de impressão, vem "insania" em lugar de "insana". Varnhagen corrige o erro no *Florilégio*.

XXXI

Eis agora também no mar saltando
 O que de Glauco tem a habilidade,
 Com um agudo ferro vai furando
 Dos queixos a voraz monstruosidade,
 Com um cordel depois, grosso e não brando,
 Da bôca cerra-lhe a concavidade,
 Que se o mar sorve no gasnate fundo
 Busca logo as entranhas do profundo.

XXXII

Tanto que a prêsa tem bem sojugada,
 Um sinal branco lançam vitoriosos,
 E outra lancha para isto decretada,
 Vem socorrer com cabos mais forçosos:
 Uma e outra se parte emparelhada,
 Indo à vela, ou cos remos furiosos,
 E pelo mar serenas navegando
 Para terra se vão endireitando.

XXXIII

Cada um se mostra no remar constante,
 Se lhe não tem o Zéfiro assoprado,
 E com fadigas e suor bastante
 Vem a tomar o pôrto desejado.
 Dêste em espaço não muito distante,
 Em o terreno mais acomodado,
 Uma Trusátil máquina está posta
 Só para esta função: aqui deposta.

XXXIV

O pé surge da terra para fora
 Uma versátil roda sustentando,
 Em cujo âmbito longo se encosora
 Uma amarra, que a vai arrodando:
 A esta mesma roda cá de fora
 Homens dez vêzes cinco estão virando,
 E quanto mais a corda se repuxa,
 Tanto mais para a terra o peixe puxa.

XXXV

Assim com esta indústria vão fazendo
 Que se chegue ao lugar determinado,
 E as enchentes Netuno recolhendo,
 Vão subindo por um e outro lado:
 Outros em borbotão já vêm trazendo
 Facas luzidas, e o braçal machado,
 E cada qual ligeiro se aparelha,
 Para o que seu ofício lhe aconselha.

XXXVI

Assim dispostos uns, que África cria,
 Dos membros nus, o couro denegrido,
 Os quais queimou Faeton, quando descia
 Do terrífico raio submergido,
 Com algazarra muita, e gritaria,
 Fazendo os instrumentos grão ruído,
 Uns aos outros em ordem vão seguindo,
 E os adiposos lombos dividindo.

XXXVII

O povo que se ajunta é infinito,
E ali têm muitos sua dignidade,
Os outros vêm do Comarcão distrito,
E despovoam parte da Cidade:
Retumba o ar com o contínuo grito,
Soa das penhas a concavidade,
E entre êles todos tal furor se acende,
Que às vêzes um ao outro não se entende.

XXXVIII

Qual em Babel o povo, que atrevido
Tentou subir ao Olimpo transparente,
Cujos idiomas próprios pervertido
Foi numa confusão balbuciente,
Tal nesta tôrre, ou monstro desmedido,
Levanta as vozes a confusa gente,
Que seguindo cad'um diverso dogma
Falar parece então noutra idioma.

XXXIX

Desta maneira o peixe se reparte
Por tôda aquela cobiçosa gente,
Cabendo a cada qual aquela parte,
Que lhe foi consignada do regente:¹
As banhas tôdas se depõem à parte,
Que juntas formam um acervo ingente,
Das quais se faz azeite em grande cópia,
Do que esta Terra não padece inófia.

1. No *Florilégio* vem "no regente" em lugar de "do regente".

XL

Em vasos de metal largos e fundos
 O estão com fortes chamas derretendo,
 De uns pedaços pequenos, e fecundos,
 Que o fluido licor vão escorrendo:
 São uns feios Etiopes, e imundos,
 Os que estão êste ofício vil fazendo,
 Cujos membros de azeite andam untados,
 daquelas cirandagens salpicados.

XLI

Êste peixe, êste monstro agigantado
 Por ser tão grande tem valia tanta,
 Que o valor a que chega costumado
 Até quase mil áureos se levanta.
 Quem de ouvir tanto não sai admirado?
 Quem de um peixe tão grande não se espanta?
 Mas enquanto o Leitor fica pasmando,
 Eu vou diversas cousas relatando.

XLII

Em um extremo desta mesma Terra
 Está um forte soberbo fabricado,
 Cuja bombardada, ou máquina de guerra,
 Abala a Ilha de um e outro lado:
 Tão grande fortaleza em si encerra
 De artilharia, e esforço tão sobrado,
 Que retumbando o bronze furibundo
 Faz ameaço à terra, ao mar, ao Mundo.

XLIII

Não há nesta Ilha engenho fabricado
Dos que o açúcar fazem saboroso,
Porque um, que ainda estava levantado,
Fêz nêle o seu officio o tempo iroso:
Outros houve também, que o duro fado
Por terra pôs, cruel e rigoroso,
E ainda hoje um, que foi mais soberano,
Pendura as cinzas por painel Troiano.

XLIV

Claras as águas são, e transparentes,
Que de si manam copiosas fontes,
Um regam os vales adjacentes,
Outras descendo vêm dos altos montes;
E quando com seus raios refulgentes,
As doura Febo abrindo os Horizontes.
Tão cristalinas são, que aqui a fonte
Parece nasce a fonte da Aretusa.

XLV

Pela relva do campo mais viçoso
O gado junto e pingue anda pastando,
O roubador de Europa furioso,
E o que deu o véu de ouro em outro bando,
O bruto de Netuno generoso
Vai as areias sôltas levantando,
E nos bosques as feras Ateonéias
A República trilham das Napéias.

XLVI

Aqui o campo florido se semeia
De brancas açucenas e boninas,
Ali no prado a rosa mais franqueia
Olorizando as horas matutinas:
E quando Clóris mais se galanteia,
Dando da face exalações divinas,
Dos ramos no regaço vai colhendo
O clavel, e o jasmim, que está pendendo.

XLVII

As frutas se produzem copiosas,
De várias castas e de várias côres,
Umás se estimam muito por cheirosas,
Outras levam ventagem nos sabores:
São tão belas, tão lindas e formosas,
Que estão causando à vista mil amôres,
E se nos prados Flora mais blasona,
São os pomares glória de Pomona.

XLVIII

Entre elas tôdas têm lugar subido
As uvas doces, que esta Terra cria,
De tal sorte, que em número crescido
Participa de muitas a Bahia:
Este fruto se gera apeteçido
Duas vêzes no ano sem profia,
E por isso é do povo celebrado,
E em tôda a parte sempre nomeado.

XLIX

Os coqueiros compridos e vistosos
 Estão por reta série ali plantados,¹
 Criam côcos galhardos, e formosos,
 E por maiores são mais estimados:
 Produzem-se nas praias copiosos,
 E por isso os daqui mais procurados,
 Cedem na vastidão à bananeira,
 A qual cresce e produz desta maneira.

L

De uma lança ao tamanho se levanta,
 Estúpeo e roliço o tronco tendó,
 As lisas fôlhas têm grandeza tanta,
 Que até mais de onze palmos vão crescendo:
 Da raiz se lhe erige nova planta,
 Que está o parto futuro prometendo,
 E assim que o fruto lhe sazona e cresce,²
 Como das plantas víbora fenece.

LI

Os limões doces muito apetevidos
 Estão Virgíneas têtas imitando,³
 E quando se vêem crespos e crescidos,
 Vão as mãos curiosas incitando:

1. No *Florilégio* está "per recta" em lugar de "por reta".

2. Na ed. original está, por evidente lapso, "sanosa" em lugar de "sazona".

3. Ronald de Carvalho (*Pequena História da Literatura Brasileira*) aproxima este verso e o anterior dos seguintes de *Os Lusíadas* (IX, 56):

"Os fermosos limões ali cheirando
 Estão virgíneas têtas imitando."

Em árvores copadas, que estendidos
 Os galhos têm, e as ramas arrastando,
 Se produzem as cidras amarelas,
 Sendo tão presumidas como belas.

LII

A laranjeira tem no fruto louro
 A imitação dos pomos de Atalanta,
 E pela côr, que em si conserva de ouro,
 Por isso estimação merece tanta:
 Abre a romã da casca o seu tesouro,
 Que do rubi a côr flamante espanta,
 E quanto mais os bagos vai fendendo,
 Tanto vai mais formosa parecendo.

LIII

Os melões excelentes e olorosos
 Fazem dos próprios ramos galaria:¹
 Também estende os seus muito viçosos
 A pevidosa e doce melancia:
 Os figos de côr roxa graciosos
 Poucos se logram, salvo se à profia
 Se defendem de que com os biquinhos
 Os vão picando os leves passarinhos.

1. No *Florilégio* está "galéria" em vez de "galaria"

LIV

No ananás se vê como formada
Uma coroa de espinhos graciosa,
A superfície tendo matizada
Da cor, que Citeréia deu à rosa;
E sustentando a croa levantada
Junto coa vestidura decorosa,
Está mostrando tanta gravidade,
Que as frutas lhe tributam Majestade.

LV

Também entre as mais frutas as jaqueiras
Dão pelo tronco a jaca adocicada,
Que vindo lá de partes estrangeiras
Nesta Província é fruta desejada:
Não fiquem esquecidas as mangueiras,
Que dão a manga muito celebrada,
Pomo não só ao gosto delicioso,
Mas para o cheiro almíscar oloroso.

LVI

Inumeráveis são os cajus belos,
Que estão dando prazer por rubicundos,
Na cor também há muitos amarelos,
E uns e outros ao gosto são jucundos;¹
E só bastava para apeteçê-los
Serem além de doces tão fecundos,
Que em si têm a Brasília castanha
Mais saborosa que a que cria Espanha.

1. No *Florilégio* foi omitida a palavra "são".

LVII

Os araçás diversos e silvestres,
 Uns são pequenos, outros são maiores:
 Oitis, cajás, pitangas, por agrestes,
 Estimadas não são dos moradores:
 Aos marcujás chamar quero celestes,¹
 Porque contêm no gôsto tais primores,
 Que se os Antigos na Ásia os encontraram,
 Que era o néctar de Jove imaginaram.²

LVIII

Outras frutas dissera, mas agora
 Têm lugar os legumes saborosos,
 Porém por não fazer nisto demora
 Deixo esta explicação aos curiosos;
 Mas contudo dizer quero por ora
 Que produz esta Terra copiosos
 Mandioca, inhames, favas e carás,
 Batatas, milho, arroz e mangarás.

LIX

O arvoredado desta Ilha rica e bela
 Em circuito tôda a vai ornando,
 De tal maneira, que só basta vê-la
 Quando já está alegrias convidando:

1. Na ed. original está "marcuíás".

2. Ronald de Carvalho aproxima essa descrição do maracujá à das mangabas, feita por Botelho de Oliveira:

"E se Jove as tirara dos pomares,
 Por Ambrósia as pusera entre os manjares!"

Os passarinhos que se criam nela
De raminho em raminho andam cantando,
E nos bosques e brenhas não se engana
Quem exercita o officio de Diana.

LX

Tem duas Freguesias muito extensas,
Das quais uma Mãtriz mais soberana
Se dedica ao Redentor, que a expensas
De seu Sangue remiu a prole humana;
E ainda que do tempo sinta ofensas
A devoção com ela não se engana,
Porque tem uma Imagem milagrosa
Da Santa Vera-Cruz para ditosa.

LXI

A Santo Amaro a outra se dedica,
A quem venerações o povo rende,
Sendo tão grande a Ilha *Itaparica*,
Que a uma só Paróquia não se estende:
Mas com estas Igrejas só não fica,
Porque Capelas muitas compreende,
E nistò mostram seus habitadores
Como dos Santos são veneradores.

LXII

Dedica-se a primeira àquele Santo
Mártir, que em vivas chamas foi aflito,
E ao Tirano causou terror e espanto,
Quando por Cristo foi assado e frito.

Também não fique fora de meu canto
 Uma, que se consagra a João bendito,
 E outra (correndo a Costa para baixo)
 Que à Senhora se dá do Bom Despacho.

LXIII

Outra a Antônio Santo e glorioso
 Tem por seu Padroeiro e Advogado,
 Está fundada num sítio delicioso,
 Que por esta Capela é mais amado.
 Em um terreno alegre e gracioso
 Outra se fabricou de muito agrado,
 Das Mercês à Senhora verdadeira
 É desta Capelinha a Padroeira.

LXIV

Também outra se vê, que é dedicada
 À Senhora da penha milagrosa,
 A qual airosamente situada¹
 Está numa planície especiosa.
 Uma também de São José chamada
 Há nesta Ilha, por certo gloriosa,
 Junta com outra de João, que sendo
 Duas, se vai de todo engrandecendo.

1. No *Florilégio* está "Aqui" em lugar de "A qual".

LXV

Até aqui, Musa; não me é permitido
Que passe mais avante a veloz pena,
A minha Pátria tenho definido
Com esta descrição breve, e pequena;
E se o tê-la tão pouco engrandecido
Não me louva, mas antes me condena,
Não usei têrmos de Poeta esperto,
Fui historiador em tudo certo.

(*Ibidem*, págs. 107-128.)

E R R A T A

No Canto XLIV, verso 7.

leia-se: Tão cristalinas são, que aqui difusa

125. SCHWEBEL, Horst Karl. *Bandas, Filarmônicas e mestres na Bahia*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 58p.
126. MATTOS, Waldemar. *Pirajã, relíquia do heroísmo baiano*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 42p.
127. *Protesto Contra a Demolição da Sê (1928)*; Edição facsimilada, Apresentação de Fernando da Rocha Peres. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 18p.
128. PERES, Fernando da Rocha. *Gregório de Mattos e a Inquisição*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1987, 52p.
129. BOAVENTURA, Edivaldo M. *A perenidade de Castro Alves*. Salvador, C.E.B., UFBA, 1987, 16p.
130. Relatório/apresentado pelo/ Rev. Frei João Evangelista de Monte Marciano/ao/Arcebisado da Bahia/sobre/ Antonio Conselheiro/e/ seu sequito no Arraial de Canudos - 1895. Edição Facsimilada. Apresentação Josê Calasans. Salvador, CEB; UFBA, 1987, 20p.
131. MATTA, João Eurico. *Ângulos* (A vigência de uma revista universitária). Índice Geral de Colaboradores de Ângulos/Ângela Maria Pinho Souza Braga, Maria da Conceição Penalva da Silva, (Bibliotecárias do CEB). Salvador, CEB; UFBA, 1988, 76p.
132. PERES, Fernando da Rocha. *A Família Mattos na Bahia do Sêculo XVII*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1988, 62p.
133. VIANNA, Hildegardes. *As Aparadeiras e as Sendeironas. Seu Folclore*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1988, 37p.
134. AZEVEDO, Thales de. *A Praia: espaço de socialidade*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1988, 40p.
135. FLEXOR, Maria Helena. *Os Núcleos Urbanos Planejados do Sêculo XVIII: Porto Seguro e São Paulo*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1989, 40p.
136. OLIVEIRA, Waldir Freitas. *O Tico-Tico: Uma Revista Infantil Brasileira*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1989. 32p.
137. PERES, Fernando da Rocha. *Itaparica: O Poeta, O Poema e a Ilha*. Salvador, C.E.B. UFBA, 1989, 48p.



VITAE

Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social